Apresentação

"A amizade alivia o peso da responsabilidade", foi o que respondi ao convite de Pe. Vanildo, diante da honrosa incumbência de apresentar seu livro *Catequese e liturgia*.

Da relação entre professora de Metodologia do Ensino Religioso e aluno do curso de magistério, nasceu uma amizade que se solidificou na partilha do ideal de servir ao Reino, nos trabalhos de evangelização e na paixão pela catequese. Agora, ela me apresenta essa responsabilidade.

Antes de realizar algo referente à catequese, gosto de consultar algum catequista. Perguntei que símbolo poderia usar para apresentar essas duas dimensões tão importantes da nossa vida de fé. Uma catequista respondeu-me: "o violino, formado pela *caixa acústica com quatro cordas* e *o arco*". Ela iluminou esta apresentação.

Ambas são partes básicas indispensáveis, com as quais o violinista brinda nossos ouvidos com sons que elevam, inebriam e encantam. Ambas são constituídas de elementos fincados na vida: madeira e crina. Liturgia e catequese, estreitamente vinculadas, permitem que o mistério profundo do amor libertador de Deus, revelado plenamente no mistério pascal de Jesus, chegue até nós, envolva-nos, atraia-nos e comprometa-nos com a vida: vida plena para todos.

Certamente, nem a caixa nem o arco, nem a liturgia nem a catequese estão reivindicando maior importância. Fazem parte de uma só orquestra, a Igreja, que serve ao Reino, regida, animada e guiada pelo Espírito do Ressuscitado.

"A catequese como educação da fé e a liturgia como celebração da fé são duas funções da única missão evangelizadora

e pastoral da Igreja. [...] Ambas fazem parte da natureza e da razão de ser da Igreja" (Diretório Nacional de Catequese, 120). Há muito, catequistas e membros de equipes de liturgia necessitam de um *spalla* – líder dos violinistas em uma orquestra – que, com competência, clareza e sensibilidade, ajude-nos a operacionalizar "o aprofundar a vida e a fé" na catequese e "o celebrar a vida e a fé" na liturgia.

Pe. Vanildo, com sua sensibilidade artística e com sua habilidade para fazer interagir fé e vida, reúne as dimensões necessárias, tanto ao liturgo como ao catequista, e sente ambas como partes da própria vida.

Com a naturalidade e a versatilidade que lhe são próprias, faz vibrar as cordas das "duas faces do mesmo mistério". Se o violinista *spalla* precisa de vários anos de dedicação para aperfeiçoar-se, ao nosso autor não faltam dons – especialmente criatividade, profundidade e mística – aliados à experiência como catequista, como pároco e como coordenador arquidiocesano de pastoral.

Tive o privilégio de ter sido a primeira de muitas e muitos que lerão este livro. Aprendi muito, na alegria e na certeza de que o "verdadeiro discípulo supera o mestre". Nele, encontramos pistas que nos ajudam a concretizar os apelos do Diretório Nacional de Catequese, para fazermos da catequese uma "escola de iniciação cristã", um "aprendizado dinâmico da vida cristã", centrado na celebração e na vivência da Páscoa de Jesus.

Assim, como catequistas e mistagogos, também nós, pequenos violinistas, à luz deste livro, ensaiaremos a bonita arte de fazer ressoar, como suave melodia, a Palavra que liberta e transforma, e poderemos atualizá-la na vida e na história, celebrando-a na liturgia.

Marlene Maria Silva
Membro da Comissão Regional
de Catequese do Leste II

Catequese e liturgia_miolo.indd 6 21/01/2020 14:55:26

Introdução

O que nós ouvimos, o que aprendemos, o que nossos pais
nos contaram, não ocultaremos a nossos filhos;
mas vamos contar à geração seguinte as glórias do Senhor,
o seu poder e as obras grandiosas que ele realizou.
Sl 78(77),3-4

O mistério pascal é o coração do cristianismo. A explicitação de sua grandeza e relevância em nossa vida é a grande tarefa da catequese e da liturgia. Ambas, por caminhos diversos e essencialmente complementares, auxiliam o cristão no amadurecimento da fé e na sua tradução concreta, diabte dos desafios do cotidiano.

A catequese, sem a liturgia, esvazia-se da dimensão do mistério e reduz-se a um amontoado de ensinamentos e teorias sobre Deus e a Igreja, até bonitos, talvez, mas sem qualquer significado mais profundo para a vida. Por outro lado, a liturgia, sem a catequese, é carente do sentido do conteúdo da fé, que se consolida no aprofundamento da mensagem cristã, o que a catequese assume como missão própria.

A proposta deste livro é mostrar como a necessária interação entre catequese e liturgia se dá, na teoria e na vivência diária. Esse trabalho será feito percorrendo um itinerário bastante lógico e interessante: dos costumes judaicos, origem e herança do cristianismo, até as práticas atuais, sobretudo no campo catequético. Atentos aos apelos mais recentes da Igreja para que a catequese e a liturgia estejam a serviço de uma eficaz iniciação à vida cristã, buscamos aqui despertar, sobretudo nos catequistas, uma mística que os leve – catequistas e catequizandos – a um profundo mergulho na intimidade divina,

fonte e sentido de nossas vidas. Trata-se de uma "dinâmica, uma pedagogia, uma mística que nos convida a entrar sempre mais no mistério do amor de Deus. Um itinerário mistagógico, um desejo que nunca se acaba. Porque Deus, sendo amor, nunca se esgota" (CNBB, Doc. 107, n. 56).

A nossa reflexão tem seu início na experiência fundante do povo de Israel, a libertação do Egito, celebrada, sobretudo, na grande festa da Páscoa judaica. Ouvindo e conhecendo melhor o que *nossos pais nos contaram*, o que nos foi transmitido desde longínqua tradição, perceberemos com que coerência e naturalidade nossos irmãos judeus vivem a interação entre a mensagem transmitida pela palavra e rezada nas suas celebrações.

Jesus, *Mestre orante* e autêntico judeu, é, para todos nós, um modelo de respeito ao cotidiano, inserção na cultura de sua gente e sensibilidade para perceber e celebrar a ação misteriosa de Deus na história de todo ser humano. É ele que transfigura o sentido da Páscoa antiga e insere todo ser humano no mistério da sua vida, morte e ressurreição. É ele que nos ensina a falar com Deus, partindo do chão da vida.

Seus discípulos e as comunidades dos primeiros tempos do cristianismo souberam integrar bem as dimensões catequética e litúrgica, especialmente por meio do catecumenato, uma das mais completas instituições pastorais da Igreja em todos os tempos. Para compreendermos isso, nada melhor do que alguns *acenos históricos*, que nos conduzem àquela prática catecumenal e, infelizmente, ao seu quase desaparecimento.

Uma ideia perpassa toda a obra: c*atequese e liturgia são duas faces do mesmo mistério*. Daí o convite renovado a olharmos atentamente para o que é essencial na nossa vida cristã, focando a centralidade da experiência do Ressuscitado como fonte de vida nova. Afinal, não é isso que se espera com a catequese e com a participação nas celebrações litúrgicas?

Essa experiência de Deus se dá com mediações concretas, sinais de que precisamos para expressar nossa interioridade. Tratar do *simbólico na catequese e na liturgia* é necessidade

Catequese e liturgia_miolo.indd 8 21/01/2020 14:55:26

imperiosa. Símbolos, corpo, gestos, ritos, tudo nos proporciona tradução e vivência bem mais profundas da nossa fé.

Na prática, os desafios são inúmeros em nossas comunidades. O que fazer, então, para celebrar o que se crê? Como fazer uma catequese celebrativa? Como pode uma liturgia ser também catequética, sem perder sua dimensão específica: o celebrativo e o orante?

Alguns *elementos da celebração catequética* são apresentados não como receitas prontas, mas como passos provados e comprovados pela prática de muitas comunidades, que estão conseguindo fazer a integração entre catequese e liturgia. A tais elementos, seguem sugestões e modelos celebrativos: *Missa e celebração da Palavra com crianças*, *Celebrações especiais*, *Ofício divino na catequese* e outras vivências bastante significativas.

O trabalho não é exaustivo e tem uma simples pretensão: despertar especialmente catequistas e agentes de liturgia para o diálogo, a busca comum de alternativas que resgatem a relação essencial entre a catequese e a liturgia, como fizeram os judeus, Jesus, os cristãos dos primeiros séculos e tantos outros que, ao longo da história, contaram e cantaram, ensinaram e *celebraram* "a glória do Senhor, seu poder e as obras maravilhosas que ele realizou" (Sl 78(77),4) e continua realizando em nossa história!

Catequese e liturgia_miolo.indd 9 21/01/2020 14:55:26

Catequese e liturgia_miolo.indd 10 21/01/2020 14:55:26

Capítulo I
Nossos pais nos contaram...

O cristianismo pode ser comparado a uma grande árvore que tem suas raízes na tradição judaica. Há nele inúmeros elementos (frutos) que são de origem judaica, alguns reinterpretados por Jesus ou pelas comunidades do início do cristianismo. Nossa Bíblia foi escrita por judeus. Com eles partilhamos a convicção de que Deus se revela, na história, como o Deus da Aliança, que ama fielmente o seu povo, e também cremos que essa revelação deva ser transmitida de geração em geração. Nesse fecundo chão inspira-se nossa liturgia com toda sua riqueza simbólica e sua linguagem. Basta olharmos para a estrutura de nossas orações eucarísticas.

É essa Palavra tão amada pelos judeus e pelos cristãos que ocupa a centralidade nas nossas celebrações litúrgicas, seja nos sacramentos ou em outras formas de rezar, como na Liturgia das Horas, por exemplo. É essa Palavra que nós ouvimos atentamente e à qual respondemos com nossas preces, louvores e intercessões. É dela que bebemos a água boa dos salmos, o vigor da profecia, a riqueza das principais orações de nossa fé, como o pai-nosso e parte da ave-maria.

Vários elementos básicos na fé judaica também são parte importante de nossa fé cristã: a crença no Deus único; a beleza da aliança feita com Abraão, Isaac e Jacó e seus doze filhos; a importância da prática da justiça, do culto, da oração, do amor ao próximo, entre outros. Por isso mesmo, é importante conhecermos como esse povo vivencia, aprofunda e celebra sua fé.

1. A centralidade catequética e litúrgica da Páscoa judaica

"Ó Deus, ouvimos com os nossos próprios ouvidos, nossos pais nos contaram a obra que fizestes em seus dias, nos tempos de outrora." O versículo 2 do Salmo 44(43) coloca-nos no coração da catequese judaica e indica claramente o modo como sempre foi compreendida: como história viva do amor de Deus que se manifesta na história de seu povo, recontada e experimentada de geração em geração. Fazer parte do povo eleito consiste, para o judeu, em viver como sua e sempre atual essa história de libertação um dia vivenciada pelos seus primeiros pais na fé e sempre revivenciada pelo seu povo, em todas as épocas e lugares onde esteja.

A experiência da Páscoa, como fuga do Egito e processo de libertação, tem centralidade nessa tradição. A celebração ritual e anual da *Pessach*, a Páscoa judaica, que une indiscutivelmente as dimensões catequética e litúrgica do judaísmo, depois de ter percorrido um complexo itinerário histórico, ocupa posição privilegiada na vida do povo. Nas narrações do Primeiro Testamento, ela aparece em momentos decisivos da história dos judeus: noite da Páscoa (cf. Ex 12-13), limiar da terra esperada (cf. Js 5,10-11); reforma de Josias (cf. 2Rs 23,21-23); novo êxodo guiado por Esdras (cf. Esd 6,19-22), para citar alguns.

A celebração da Páscoa é exaltada no ápice da liturgia judaica, que a ela dedicará uma esplêndida *haggadah* (homilia). "E quando vossos filhos vos disserem: Que significa esse rito? respondereis: 'é o sacrifício da Páscoa, em honra do Senhor, que, ferindo os egípcios, passou por cima das casas dos israelitas no Egito e preservou nossas casas'" (Ex 12,26-27). De fato, o rito da celebração tem um momento forte, quando a criança menor pergunta qual o sentido daquela celebração. Cabe ao mais velho fazer a catequese histórica.

O livro do Deuteronômio, especialmente no trecho 26,5-9, traz um recorte do fato memorável da libertação do

Catequese e liturgia_miolo.indd 12 21/01/2020 14:55:26

Egito, a ser lembrado por todas as gerações: "Dirás então em presença do Senhor, teu Deus: meu pai era um arameu prestes a morrer, que desceu ao Egito com um punhado de gente para ali viverem como forasteiros, mas tornaram-se ali um povo grande, forte e numeroso. Os egípcios afligiram-nos e oprimiram-nos, impondo-nos uma penosa servidão. Clamamos então ao Senhor, o Deus de nossos pais, e ele ouviu nosso clamor, e viu nossa aflição, nossa miséria e nossa angústia. O Senhor tirou-nos do Egito com sua mão poderosa e o vigor de seu braço, operando prodígios e portentosos milagres. Conduziu-nos a esta região e deu-nos esta terra de que mana leite e mel".

A celebração pascal integra, de modo dinâmico, a catequese (narração histórica) e a liturgia (celebração histórica). Passa, de modo natural, da história ao texto litúrgico, da catequese à exortação. A liturgia atualiza "dramaticamente" a evocação da história do passado e situa todo judeu no seu contexto de homem ou mulher da aliança. "Explicarás então a teu filho: isso é em memória do que o Senhor fez por mim, quando saí do Egito" (Ex 13,8).

A consciência histórica é profunda, e todo judeu aprende desde cedo que a história é o lugar privilegiado para o conhecimento e a celebração de Deus. A compreensão mais coerente de tudo o que Deus fez pelo seu povo, sobretudo o evento "êxodo", exigiu a celebração litúrgica, e o judaísmo a fez sistematicamente, primeiramente em âmbito familiar (cf. Ex 12,3-4), no qual o pai presidia a pequena assembleia, e, mais tarde, no templo, quando houve a centralização dessa festa em Jerusalém.

Perder a dimensão histórica e fundante do rito litúrgico é saltar da memória à repetição vazia e estéril dos seus elementos externos, sob pena de cair em magia ou alienação. "O rito litúrgico, se não é constantemente mantido unido ao evento histórico do qual nasceu e do qual é memorial, torna-se 'mudo', inexpressivo, ou seja, torna-se uma imagem que não

Catequese e liturgia_miolo.indd 13 21/01/2020 14:55:26

coloca mais em contato com o Senhor que salva na história, com o Senhor vivente".[1]

A Páscoa tinha também uma dimensão social. Dela brotavam consequências éticas sérias em vista da justiça social (cf. Dt 16,5-7). Consciência da libertação no passado e empenho pela libertação das opressões presentes não se separavam. A Páscoa era celebrada com muita fartura. A partilha e a solidariedade geravam compromissos para o enfrentamento e a superação das situações opressoras e das desigualdades sociais. Ela tornou-se o evento primordial para a recuperação da dignidade de vida e a reconstrução do povo judeu, tantas vezes desafiado pela história de dominação e desrespeito à sua identidade.

2. Catequese e liturgia no dia a dia da vida dos judeus

Se a festa anual da Páscoa ocupa um momento especial no calendário judaico, é no dia a dia que essa memória do amor de Deus e da sua presença libertadora na história vai se consolidando. O judaísmo é uma cultura, uma religião que tem na família a sua centralidade, e é dentro do lar e nos costumes inculcados pela família que todo judeu desenvolve sua fé e molda seus comportamentos. A base religiosa da vida dos filhos é de responsabilidade do pai e da mãe. As crianças aprendem pelo exemplo dos pais e desde cedo participam dos ritos tradicionais de seu povo. A iniciação catequética e litúrgica, portanto, acontece prioritariamente em casa e de modo integrado. Não há uma distinção entre o que se sabe sobre Deus e o que se reza a Deus. O conteúdo catequético é o mesmo conteúdo litúrgico.

A família é verdadeira escola de fé, pelo que é dito em casa, pela maneira como os mandamentos de Deus são vividos

---

[1] BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 29.

Catequese e liturgia_miolo.indd 14 21/01/2020 14:55:26